

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOSÉ NASCIMENTO: NEM VERDADE, NEM MENTIRA
8 de outubro de 2024

QUATRO EPISÓDIOS DA SÉRIE BINÁRIO / 1978-1979

Programas de JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA e JOSÉ NASCIMENTO

Realização: José Nascimento / *Autoria:* António Wagner Diniz, Constança Capdeville, Luís Madureira, Manuel Graça Dias e Yvette K. Centeno / *Direção artística:* Constança Capdeville / *Produção:* Carlos Jorge Fraga e Leonel Brito / *Primeiras exibições na Cinemateca.*

COM... ERIK SATIE (1866-1925) VAMOS SATIAR... / 1978

Com: Helena Vieira e Helena Afonso (sopranos), Luís Madureira (tenor), Constança Capdeville, João Paulo Santos, Carla Seixas e Nuno Vieira de Almeida (piano) / *Duração:* 24 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 29 de novembro de 1978, RTP 1

JULMAR´S / 1979

Com: Júlio Morgado Martins e Margarida Morgado Martins / *Duração:* 28 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 7 de março de 1979, RTP 1

VIRGÍNIA E A PUBLICIDADE... / 1979

Com: Lia Gama, Luís Madureira, Helena Afonso / *Duração:* 24 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 21 de fevereiro de 1979, RTP 1

VINTE MINUTOS COM IGOR STRAWINSKY / 1979

Com: Constança Capdeville, João Paulo Santos, Helena Afonso, Helena Vieira, Luís Madureira, António Wagner Diniz / *Duração:* 23 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 6 de junho de 1979, RTP 1

Duração total da sessão: 99 minutos

Sessão com a presença de José Nascimento e membros da Juventude Musical Portuguesa.

Após a sua longa e intensa colaboração com a cooperativa Cinequipa, de que José Nascimento foi um dos membros fundadores, o realizador percorreu o fim da década de 1970 e o início da década seguinte entre diferentes produções televisivas. A sua saída da Cinequipa, em 1978, deveu-se às dificuldades financeiras que resultavam do fim do contrato de coprodução com a RTP para as séries *Nome Mulher* e *Ver e Pensar* (fim de contrato esse provocado pela polémica de **O Aborto Não é Um Crime** em 1976) e da ambição do filme de época de Fernando Matos Silva, **Guerra do Mirandum**, que esgotou todos os recursos da modesta cooperativa. Quando Nascimento se descobriu desligado de qualquer produtor (ele trabalhava com Fernando Matos Silva desde os tempos dos Serviços Cartográficos, isto é, desde 1969 – há quase uma década), descobriu-se também enquanto “freelancer” – passe-se o anacronismo da expressão inglesa.

A partir dos contatos que havia estabelecido ao longo dos anos, Nascimento começou a trabalhar em diferentes tipos de produção “audiovisual”, nomeadamente publicidade e programas televisivos de cariz mais ou menos “alimentício” (no duplo sentido, já que o seu primeiro trabalho para televisão após a saída da Cinequipa foi no âmbito da série *O Caldo de Pedra*, onde o ator António Assunção interpretava um frade peregrino que percorria o país em busca das diferentes tradições culinárias locais). Os programas *Caldo de Pedra* e *Binário* eram ambos produzidos por Leonel Brito, ao passo que *Vamos Jogar no Totobola?* (no qual Nascimento realizou vários episódios ao longo do ano 1980) era produzido por Ricardo Costa – que havia auxiliado José Nascimento em **...Pela Razão que Têm...** (1976), constando dos agradecimentos desse filme.

Outra figura tutelar foi o diretor de fotografia Manuel Costa e Silva (com quem Nascimento havia trabalhado em **O Mal-Amado**) que o sugeriu como realizador da série *Viagem* (produção de Laudemiro Padinha e Jorge

Rodrigues), na qual assinou o episódio **Julho no Baixo Alentejo**. É igualmente nesta fase que José Nascimento começa a trabalhar como montador “a soldo”, primeiramente em **Cerromaior** (1980) de Luís Filipe Rocha, e é também neste período que faz pequenas aparições em filmes de amigos, como a série de João Brehm para a VirVer de Rui Simões, *Delinquentes Juvenis*, no filme de António Victorino de Almeida, **A Culpa** (1980), e inicia uma relação de proximidade com as “produções Paulo Branco” através de **O Território** (1981) de Raúl Ruiz, de que é, num primeiro momento assistente de realização, e num segundo momento ator.

Com tudo isto, eis-nos chegados a *Binário*. Este programa televisivo, com autoria da Juventude Musical Portuguesa, resultou do sucesso de um espetáculo teatral. Em abril de 1978 estreou-se no Clube da Casa da Comédia, e com extraordinário sucesso, o espetáculo *Saudades*, com encenação de Ricardo Pais. O elenco deste espetáculo contava com uma série de jovens músicos do Conservatório Nacional, a que se haviam juntado uma série de nomes do teatro e cinema, como Glicínia Quartim, Lia Gama, Nuno Carinhas, Jasmim de Matos, António Cara d’Anjo, entre outros. O impulsionador deste projeto havia sido José Ribeiro da Fonte, à época Secretário-geral da Juventude Musical Portuguesa e foi ele que, perante o êxito da peça, moveu mundos e fundos para que o “conceito” desta chegasse à televisão e a um público mais alargado. Que conceito era esse? A combinação de géneros musicais e teatrais diferentes, onde o erudito e a música ligeira se cruzavam com o tango, o teatro declamado e o humor de *sketches*. Assim, o programa quinzenal foi desenvolvido por um coletivo de novos nomes da música portuguesa (António Wagner Diniz, Constança Capdeville, Luís Madureira, Manuel Graça Dias e Yvette K. Centeno), sendo que a direção musical da série pertenceu sempre a Capdeville – nem de propósito a responsável pelos arranjos do referido **Cerromaior**.

Se o elenco e a “equipa criativa” da peça *Saudades* se transferiu para a televisão, a mudança de contexto implicou uma necessária transformação. Transformação essa operada por José Nascimento que realizou sete ou oito episódios da série – o “episódio parasita” foi assinado por Ricardo Costa. A organização em episódios e a relação com a câmara alterou não só a lógica do trabalho da JMP, como alterou igualmente a sua abordagem. E *Binário* converteu-se num território de explorações formais, tanto para os músicos como para o realizador. Em cada episódio propuseram-se seguir diferentes estratégias: o ensaio filmado, a sátira humorística, a ópera revolucionária, o retrato emocional de um casal icónico do *vaudeville* luso, um retrato do músico de intervenção Sérgio Godinho, as possibilidades da música entre instrumento pedagógico, entre outros. O importante era trazer a música (erudita ou perto) para o contexto do quotidiano, reintroduzindo-a nas vidas dos espectadores. Em entrevista, José Nascimento explicou: “Eles convidaram-me para fazer a série e aceitei com o maior dos prazeres porque era uma proposta criativa. No fundo foi a primeira proposta criativa que tive enquanto cineasta. Adorei mesmo fazer o *Binário*. Fiquei com excelentes relações com todos eles.” Acrescentando que, “foi no *Binário* que comecei a abrir a minha linguagem”.

De facto, depois dos espartilhos do cinema militante da Cinequipa e dos trabalhos alimentícios com Leonel Brito e Ricardo Costa, foi com *Binário* que, pela primeira vez, José Nascimento assumiu a realização como um fim em si mesmo, como uma forma de explorar todas as possibilidades formais das imagens e dos sons. A esse respeito, a presente escolha de quatro episódios pretende evidenciar a variedade de abordagens: do primeiro episódio, dedicado à música de Erik Satie (em diálogo com desenhos de Jean Cocteau), filmado a preto e branco e de modo ainda “aproximativo” até ao “inclassicável” (e deliciosamente divertido) **Virgínia e a Publicidade...** onde Lia Gama (que havia entrado em *Saudades* assume o papel de “protagonista”), passando pelo ternurento **Julmar’s** sobre o trabalho da dupla (também conhecida, carinhosamente, como “os velhos”) composta por Júlio Morgado Martins e Margarida Morgado Martins, um casal que recorda uma carreira em cima dos palcos. Cada um, à sua maneira, revela uma faceta diferente do cinema que José Nascimento viria a realizar nos anos seguintes em nome individual.